

Ao leitor.

Não importa ao tempo o minuto que passa, mas o minuto que vem. O minuto que vem é forte, jocundo, supõe trazer em si a eternidade, e traz a morte, e perece como o outro, mas o tempo subsiste. Egoísmo, dizes tu? Sim, egoísmo, não tenho outra lei. Egoísmo, conservação. A onça mata o novilho porque o raciocínio da onça é que ela deve viver, e se o novilho é tenro tanto melhor: eis o estatuto universal. Sobe e olha.
Machado de Assis

Clique. O breve espaço deste gesto pode representar a diferença entre o ser e o não ser no universo do ciberespaço.

Será?

A propósito do tempo, escolhemos citar Machado de Assis não só para deixar um registro de seu nome nesta publicação no ano do centenário de sua morte, mas porque a sua obra é uma prova de que nem sempre o tempo vence.

Em seu delírio, Brás Cubas conhece a força do "minuto que vem" e, ao mesmo tempo, a fragilidade de sua existência. A velocidade do tempo, os seus limites e a necessidade de que o próximo substitua o anterior, expressos na epígrafe, nos remetem ao tempo-espaço sem fronteiras da internet e toda a produção artística ou (ou supostamente artística) que ela veicula.

Considerando o caráter efêmero do supostamente novo transformado em velho, no breve espaço de um clique, fica a pergunta: devemos guardá-los? Substituí-los incessantemente? Ou esquecer ambos? Construir ou experimentar: precisamos escolher entre estas duas atitudes? Ou buscar uma terceira alternativa que englobe as duas? Estas são algumas questões que aparecem a partir da leitura do texto de Edson Costa Duarte. Em "Babelização e desbabelização (para uma utopia do virtual)", o autor, partindo da discussão do conceito de tempo, apresenta e discute outros conceitos, focando sua atenção no caráter transitório do objeto virtual.

Ao questionar a natureza deste objeto somos levados a outras perguntas que ainda sem resposta: a produção em meio

digital implica necessariamente em novas concepções de composição? Até que ponto a mudança de suporte mexe com a natureza do objeto artístico e/ou literário nele criado? Essa mudança de suporte afeta também a leitura e a interpretação desse objeto? Até que ponto esta nova ferramenta gera um novo fazer acadêmico, um novo pensar? Se há um a certeza em tudo isso é a de que este novo suporte abriu novos campos de estudo. São os estudos auxiliados por computador, geralmente interdisciplinares, por exigir conhecimento nos âmbitos da informática e da estatística, além do conhecimento específico na área do texto analisado. Um deles é o que utiliza a estatística textual a fim de investigar a autoria de um texto a partir do traços estilísticos. É deste campo o outro artigo publicado nesta edição.

José Carlos Jardim Júnior se aventura na investigação de um mistério que remonta ao século XVIII: a autoria das *Cartas Chilenas*. Utilizando recursos da estatística textual, o trabalho "Apontamentos de análise informatizada em torno das cartas chilenas" estuda aspectos estilísticos a partir do conjunto dos versos os sáficos, agregando aos estudos já existentes sobre as *Cartas*, mais elementos que contribuam para a identificação de sua autoria.

As investigações que aliam o uso do computador e métodos estatísticos de análise de dados para o estudo de textos têm quase meio século em países como França, Inglaterra e Estados Unidos. No Brasil o campo ainda é incipiente com quase nenhuma produção bibliográfica e a extensa bibliografia estrangeira ainda ocupa as prateleiras das livrarias.

Iniciada com mensuração das palavras das epístolas bíblicas de S. Paulo feitas por Augusto de Morgan, os estudos quantitativos têm a sua origem em 1851, de acordo com Anthony Kenny e Susan Hockey. Mas a primeira publicação na

área é atribuída a outro pioneiro, o norte-americano T. C. Mendenhall que, em 1887, testa a hipótese de que a extensão das palavras pudesse ser uma característica distintiva de autoria no artigo "*The characteristic curves of composition*".

Além dos textos, esta edição traz três trabalhos de arte eletrônica de Suzete Venturelli, professora e pesquisadora, membro do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Seja bem vindo à sexta edição da *Texto Digital*, espaço aberto à experimentação, à criação e à reflexão sobre arte e literatura num contexto de novas tecnologias.

Deise Freitas